



As ilustrações de Danuta Wojciechowska conferem uma dimensão onírica ao conto de Sophia terminado pelo neto

Os que vão

José Mário Silva

Há, em torno de “Os Ciganos”, uma curiosa história familiar. Este livro começou por ser um fragmento inédito descoberto, na primavera de 2009, entre os “milhares de papéis” do espólio de Sophia de Mello Breyner Andresen. O manuscrito não estava datado, mas a análise da caligrafia permitiu situá-lo “em meados dos anos 60”. Numa nota introdutória a esta primeira edição, Maria Andresen, também poeta, além de professora universitária, compara o arranque desta história (não mais do que sete páginas de texto) com outros livros infantis de sua mãe: “Noite de Natal”, “A Fada Oriana” e “A Menina do Mar”. O que lhe parece singular em “Os Ciganos” é o facto de o protagonista, Ruy, sentir “o desejo de um lugar onde a norma familiar e protetora não chegue”, arriscando uma fuga em que se coloca à prova e se expõe a “situações de alto risco”. É justamente quando o rapaz salta um muro — a



OS CIGANOS

Sophia de Mello Breyner Andresen e Pedro Sousa Tavares, ilustrações de Danuta Wojciechowska
Porto Editora, 2012, 64 págs., €18,80

barreira que separa o vigiado conforto doméstico da incerteza do mundo exterior — que o esboço narrativo de Sophia se detém.

Maria Andresen desafiou o irmão, Miguel Sousa Tavares (M.S.T.), a concluir a história, valendo-se da sua experiência enquanto autor de livros infantis. Com dúvidas sobre a legitimidade do projeto, M.S.T. sondou os filhos. E foi então que Pedro Sousa Tavares, mais na qualidade de neto do que na de escriba (formatado pelos espaços reduzidos dos jornais), se chegou à frente e pôs mãos à obra.

“Peço desculpa pela ousadia de não ter hesitado mais do que alguns segundos antes de dizer que sim”, explica. “Imaginem um mecânico da NASA a quem subitamente é dada a oportunidade de acompanhar o Neil Armstrong na missão Apolo XI. Seguramente não lhe faltarão razões, todas elas atendíveis, para se escusar à tarefa. Mas não é todos os dias que alguém nos convida para ir à Lua.” O principal mérito do “mecânico da NASA” está no respeito pela escrita inimitável de Sophia (“imitá-la seria caricaturá-la”). O texto da avó, a azul, é uma coisa; o do neto, a negro, é outra completamente distinta. Este nunca alcança os requintes poéticos daquela, nem se atreve a frases tão altas, nem tão nítidas: “Era uma beleza inquietante que o atraía e angustiava. Havia nela, como um secreto brilho, uma ameaça. (...) Qualquer coisa de obscuro surgia do fundo dum passado que ele não tinha vivido.”

No início há um rapaz “muito desarrumado”, Ruy, que foge de casa para seguir os ciganos, atraído por esses homens que “jogam com a morte” e “não conhecem laços”, mas a história prossegue depois de forma desenvolta e sem cesura. Ruy é um “gadjo” que aprende a liberdade, a cultura cigana e a arte de atravessar ribeiros a pisar pedras escorregadias, mas também ensina aos novos amigos “coisas do seu próprio mundo” (como ler e escrever), das quais, para seu espanto, eles se mostram invejosos.

Se a parte de Sophia nos apresenta um rapaz fascinado pelo “ruído de festa”, mas indeciso em segui-lo, a continuação de Pedro mostra como ele descobre depois a sabedoria ancestral dos Rom, a sua vida e a raiz do nomadismo: “Nós não moramos, nós vamos.” Numa história sobre encontros, a imagem final no circo — com os dois amigos caminhando um para o outro no arame — é particularmente feliz. **A**